

# REVISTA MENSAL

DA

## SOCIEDADE

### PARTHENON LITTERARIO

1.º ANNO. ABRIL DE 1869. N.º 2.

Franco de Araújo e Silva  
Apolinário Porto Alegre  
José Bernardino dos Santos  
Aurelio V. de Billecourt  
Nicolaus Vicente Pereira  
Hilário Ribeiro de A. e Silva



PORTO ALEGRE.



TYP. DO JORNAL DO COMMERCIO.



1869.

**COMMISSÃO DE REDACÇÃO.**

Vasco de Araujo e Silva.  
Appollinario Porto Alegre.  
José Bernardino dos Santos.  
Aurelio V. de Bittencourt.  
Nicolau Vicente Pereira.  
Hilario Ribeiro de A. e Silva.

**REDACTOR DE MEZ**

Aurelio Virissimo de Bittencourt.

# A CRUZ.

## I

Era noite.

Apenas uma ou outra avesinha pepitava adormecida entre a folhagem das arvores.

Nas aguas serenas do Guahyba deslizava-se mansamente o vulto lurido de uma canôa de pescador, e o timoneiro abandonando-a á mercê das brisas do norte, despertava o tacito sygillo do lago com os sons mellifluos de sua frauta.

O astro da noite plenilunava melancolico e pensativo, como a loira donzella ao recordar de seu primeiro sonho de amor, derramando um sorriso pallido e doce sobre a graciosa capital de S. Pedro.

Tudo mais era silencio e tranquillidade !

De repente a voz do bronze feriu a lêda soidão, doze badaladas pausadamente echoarão pela immensidade do espaço embalsamado pelo halito perfumado dos jasmins.

Deu meia noite

E' o momento em que principia um novo dia para os felizes mortaes, mas esse que acabára de despontar era dedicado aos mortos.

Era o dia de finados.

O signal foi dado, e de todos os templos os dobres funereos dos sinos se fizeram ouvir até pelos arrebaldes.

E seus habitantes, isto é, aquelles que tinham de visitar as pessoas que lhes haviam sido caras sobre a terra, e que dormião o somno da bemaventurança sob a fria lage da tumba, erguião-se de seus leitos e marchavão gravemente pelo caminho do cemiterio.

Carmen e Augusto sazião parte d'essa romaria.

Havião tambem abandonado o thalamo nupcial; ondè as flôres conjugaes eslavão ainda enlaçadas ao véo purpureo da lua de mél.

Amantes extremosos, excessivamente dedicados um pelo outro, casados ha quinze dias apenas, não fazer valer sua mutua felicidade ante as lousas de seus queridos pais.

Carmen, a formosa romeira, já quatro lustros havia peregrinado sobre a terra; a côr mimosa do fructo do jambeiro cobria-lhe as faces, seu porte magestoso e flexivel como o alamo encantava seu esposo.

Augusto era trigueiro; vinte e nma primaveras de esperanças havião contornado em seu rosto as feições da virilidade.

Um dia essas esperanças entre o bafejar das auras nos salões de um baile, havião-se mostrado tres mazes antes de seu consorcio em um mimoso botão que mais tarde desbrochára, em mimosas côres entre os cortinados de seu leito na primeira noite de esposo.

## II

Já as arapongas havião despertado a mudez do bosque com seus gritos; já o beija-flôr libava o nectar delicioso das flôres da urumbeba.

A aurora com seu brilhante esplendor derramava a luz matutina sobre o fe-

cinto tático da morte, desdobrando seus raios doirados que gradualmente não offuscando o brilho dos cyrios esparsos sobre as sepulturas.

Carmen havia soltado sua voz dulcíssima.

— Agora só nos falta visitar o tumulo de meus pais; oh! meu querido Augusto, já sinto o coração bem dolorido ante tantas lembranças que aqui tenho recordado!

Augusto respondeu á sua esposa com um pequeno aperto de mão.

Durante alguns minutos caminharão silenciosos em direcção á lage que cobria os restos dos pais de Carmen.

Ambos enlevados pelo mesmo sentimento ajoelharão-se, e fervorosas orações partirão de seus labios.

Dos olhos de Carmen coavão mansamente luzentes gôtas de seiva, vertidas pelos alelis de sua alma.

De repente uma exclamação soltada mui perto, os fez estremecer. Ambos voltarão-se para a sepultura mais proxima: um homem alli acabava de se arremear soltando sua voz rouquenha entrecortada pelos soluços.

— Minha filha, minha idolatrada filha, exclamava elle em tom doloroso, perdôa a teu pai....

Ai! quantos remorsos me tornão a vida um constante martyrio, um desespero sem fim!... Deus não se compadece do pai miseravel que roubou a vida ao homem que amavas! Mas perdôa-me... que mais agonias hei soffrido pelo remorso, do que soffreste no dia em que me tornei assassino!

O infame que te martyrisou já cahiu debaixo de meu braço armado. Perdôa ainda se mais sangue derramei para obter tua compaixão! Só agora me resta encontrar teus filhos.... em vão os tenho procurado, em vão tenho peregrinado para encontrá-los! O inferno parece separar-os de mim!... Mas tenho fé em Deus! ainda os verei, sim, que por aquelles labios de anjo eu quero ouvir o teu perdôo....

O homem que assim fallára, era um velho de longas barbas brancas; sua estatura era alta e magestosa; em sua physionomia sympathica estampava-se o cunho de uma dor longa e terrivel que impõe respeito e veneração.

Acompanhando aquellas palavras com estremecimento d'alma, os novos despozados se tinham insensivelmente approximado do ancião, e ouvião commovidos aquellas supplicas envolvidas com confissões de crimes.

Carmen apertava o braço de seu esposo, atterrorisada e ao mesmo tempo afflicta por tamanha dor.

O velho continuára:

Sim, minha extrema Leonor, não dormirei o somno eterno enquanto não descobrir teus filhos.... O' eu os abraçarei.... eu os amarei como se fossem meus... chorarei com elles a tua desventura, e elles perdoarão a minha iniqua crueldade! Meu Deus.... meu Deus! será possível tanta felicidade?

— Minha filha! bradou por fim em delirio; perdôa.... perdôa o desgraçado.

A voz perdeu-se-lhe nas fauces, seu corpo estremeceu convulsivamente na suprema dor, e iria offender o craneo na dura lage, se Augusto o não amparasse na queda.

### III

Acabava de ter uma syncope.

Carmen tirou então de sua bolsinha um vidro com essencias e o fez respirar enquanto Augusto o retinha em seus braços.

Pouco a pouco entre as rúgas d'aquellas faces venerandas forão desapparecendo as sombrias cores da morte e o sangue continuando seu gyro natural. A brisa fresca da manhã batendo-lhe na frente, fê-lo tornar a si apoz alguns minutos.

— Senhor, disse-lhe então Augusto, saiamos d'este logar que nos magôa; deixemos que os mortos gozem o socego que lhes deve ser aprasivel; vinde comigo á minha casa que lá descansaremos, e deixaremos nossas lagrimas correrem á vontade.

O ancião respondeu;

— Obrigado, mancebo, vós vos compadecestes do mais desgraçado dos homens; eu vos sigo, e para mostrar a minha gratidão, contar-vos-hei a historia da misera que alli dorme o somno da eternidade.—

Seus olhos volverão-se ainda sobre o frio leito de sua filha, onde se lia este singelo epitaphio.— « Leonor, a martyr. »—

Carmen elevou suas vistas para mais longe.

O sol lançava seus raios que vinhão quebrar-se sobre o marmore da sepultura de seus pais, na qual parecião chammejar as letras doiradas que formavão estas palavras :

Frederico e Luiza  
esposos aventureados.  
orai por elles.

— Vamos, repetiu ainda Augusto.

Pouco depois um carro rodando com estrepito pelo calçamento da rua da Igreja, parava á porta de um lindo predio.

Era a casa de Augusto e Carmen.

#### IV

Havião decorrido algumas horas

Os novos consortes sentados em um sofá, reclinados um para o outro em languoroso enlace, ou vião attentamente o ancião que principiara a seguinte narração :

— Pelo principio do anno de 184... um moço, filho de uma bem distincta familia d'esta cidade, encoberto pelas sombras da noite, entrou furtivamente em uma pequena casa situada no *largo da Harmonia*.

N'esse tempo esse largo não apresentava o risonho aspecto de hoje e nem era conhecido por aquelle nome; não havia alli balaustres, nem arvoredos; era uma praia nojenta e pestifera pelos despejos que fazião os moradores.

Carlos, tal era seu nome, entrou pois silenciosamente n'essa cabana de pescador, e sem hesitar ante a densa escuridão em que ella estava immersa, avançou entre as trevas e foi sahir pelo lado opposto ao que entrara.

Achou-se então em presença do rio, e mais cauteloso ainda voltou um olhar de lynce pela praia.

Depois de ter-se certificado de que ninguem o poderia descobrir, desatou uma pequena canôa atada a um salgueiro, e saltando dentro impelliu-a brandamente e com pericia sobre as aguas silenciosas.

A manobra foi bem executada. O barquinho rompeu a flor das aguas com incrivei velocidade, e sem ruido navegou em direcção ás ilhas fronteiras, e desapareceu entre ellas.

Algun tempo depois Carlos desembarcava na extremidade da praia do Caminho Novo, e seguia pela estrada que ficava mais proxima, cosendo-se sempre cuidadoso com as cercas de maricá onde o negror da noite era mais espesso.

Assim com presteza e desconfiança caminhou por espaço de um quarto de hora até que finalmente parou, escondido em um profundo valle perto de uma choupana de modesta apparencia.

Um assobio semelhante ao pio da coruja partiu de seus labios.

A este signal a porta da choupana abriu-se e por ella escoou uma linda moça vestida de branco....

Era minha filha !

— Vossa filha !—Repetirão em côro Augusto e Carmen.

— Sim, era a malfadada Leonor !

Semelhante entrevista era repetida todas as noites; ha muito tempo que erão amantes !

Eu sem poder velar pela minha honra particular, velava contudo pela dos republicanos que então sitiavão esta cidade, que sem se sustentou o sitio, não pelo valor dos braços que a defendião, mas porque os dissidentes, dominados pela boa vontade, buscavão fazer o menor mal possível.

Era uma perfeita guerra entre irmãos. Os inimigos da monarchia querião cidade para si, mas não vel-a em ruinas, nem estivada de corpos muti

No entanto o cerco era apertadissimo; e por essa razão Carlos não podendo atravessar pelo centro das tropas que se estendião pelos suburbios, encontrava pelo rio, encoberto pela escuridão da noite, caminho franco para suas excursões amorosas.

Quando a claridade da lua lhe podia ser funesta, guardava sua pequena canoa nos banhados das ilhas fronteiras e atravessava o largo á nado, para no dia seguinte ir da mesma forma encontral-a.

Eu era soldado. Não podia apartar-me do regimento senão na hora de refeição em queia abraçar minha filha.

Formosa menina, apenas desbrochava na vida; tinha 17 annos. Era linda como um anjo e ligeira como a borboleta entre as flores.

Eu não amava-a, era idolatria que sentia por Leonor, n'ella cingião-se todas as minhas illusões, meu orgulho e esperanças.

Vaidoso, por ser o alvo de inveja de muitos pais, era bajulado pelos manebos que pretendião obtel-a por esposa.

Um dia, um capitão do meu regimento entrou na minha barraca e batendo-me no trombo disse :

— « Paulo, eu quero tua filha para mulher do meu Diogo que está louco de amores. »—

As estas palavras meu coração estremeceu de raiva.

O official que me fallára era bravo e honrado, mas Diogo, além de ser cobarde, vilipendiava seu nome.

Tremi. Mas para não offender o homem que tinha diante de mim, respondi-lhe n'estes termos :

— Senhor, desde que seja da vontade de minha filha, não farei questão.

Pouco depois Leonor me abraçava.

Eu havia chegado em casa, n'aquella casa sombria e triste, onde sosinha vivia aquella moça sem os carinhos de uma mãe!

Então fiz-lhe a proposta do capitão esperando uma negativa.

Ao ouvir as minhas palavras, as lagrimas saltarão-lhe dos olhos, e os soluços interceptarão-lhe a voz.

Senti meu coração palpitar de praser.

Havia comprehendido a resposta, mas não comprehendí que aquella menina amava loucamente.

## VI

Era uma noite infernal !

Admirado de se terem passado quatro dias sem que o capitão viesse receber á resposta, dirigi-me á sua barraca e entrei.

Elle conversava com Diogo; ao ver-me, sorriu-se e disse-me :

— « Já sei ao que vens, meu Paulo, mas eu retiro o meu pedido »—

Um sorriso de satisfação brotou em meus labios.

— « Retiro o, continuou elle em tom de mofa, porque tua filha está deshonrada. »—

A estas palavras o sangue subiu-me ás faces.

— Capitão, bradei furioso, não se rouba a honra de uma moça com duas palavras.

Elle tornou:

— « Bem o sei; mas concedo-te duas horas de licença para ires á tua casa ver o que por lá se passa. »—

Nada mais disse; sahi, dirigi-me á minha barraca, tomei duas pistolas e montando a cavallo, parti.

Horriavel estava a noite; o vento arrojava-se impetuoso sobre a folhagem das arvores; os raios arrojão-se no espaço, e os trovões roncavão no firmamento. Medonha tempestade estava prestes a desabar, mas a borrasca que envolvia meu coração era maior!

A cem braças de casa deixei meu cavallo, e seguindo a pé, n'ella entrei com todo o cuidado para não ser presentido.

De repente parei tremulo!... ouvira duas vozes no quarto de Leonor; engatillei mansamente as pistolas, cheguei-me á porta e vi tudo!

Era bastante; impelli a porta com os hombros, bradando:

— Maldição!

Dois gritos resoarão após, um de espanto, outro de dor: uma bala tinha atravessado o corpo de Carlos.

Eu estava louco de desespero! Leonor levantando-se espavorida do leito abraçava meus joelhos, exclamando:

— « Perdão... perdão!... »—

Voltei ainda o cano de uma pistola para ella, mas faltarão as forças ao pai; apontei-lhe a porta e disse:

— Sahi; e a maldição de Deus estampe o sello fatal da prostituição na frente da deshonrada.

Ella havia desmaiado; passei sobre seu corpo e fui ver o outro que se estorcias nas agonias da morte. Reconheci Carlos, o filho de um antigo amigo meu.

Então sahindo d'aquelle circuito onde se tinha lavrado a minha sentença fatal, lancei fogo á casa que uma hora depois estava transformada em cinzas.

Desde então raiou para mim a estrella da desventura; o sorriso fugira-me dos labios, abandonei a farda e peregrinei pelo mundo ao pezo da deshonra e do remorse!

Augusto e Carmen não fazião o menor movimento, estavam perplexos e mudos; sóos suspiros que de vez em quando partião de seus labios annunciavão os sentimentos de seus corações.

Paulo fizera uma longa pausa, e depois de enchugar as lagrimas que humedeçião seus olhos, continuou:

— Já se têm passado dez annos. Minha frente encanecida, meus membros cançados pelo desgosto, têm-me alquebrado e roubado as forças.

Caminhava lentamente pela rua de Bragança quando uma reunião de povo incitou a minha curiosidade. Cheguei-me para saber qual era o objecto que assim attrahia a attenção dos transeuntes.

A reunião era grande; todos fallavão, todos rião!

— E' uma doida! dizia um.

— E' uma mulher embriagada, vociferava outro; acompanhando essas palavras com uma risada de escarneo.

Com difficuldade pude passar entre o povo e ver o medonho espectáculo!

Era uma mulher semi-nua que se estorcias na calçada; a principio não pude ver-lhe as feições, o seu braço direito cobria-lhe o rosto, mas de repente fez um movimento e descobriu-se.

Um grito de agonia partiu de meu coração.

Era Leonor!

— Meu Deus! balbuciou Carmen.

VII

Ao ouvir o meu grito, a misera abriu os olhos e murmurou com voz sumida.

— « Meu pai ! »—

Então arrojé-me a ella; tantos annos de dores haviam já mudado meu coração. Tomei a em meus braços e a conduzi para minha casa.

Dois dias durou a pobre Leonor entre a morte e a vida; meus cuidados poderão em fim restaurar-lhe em pouco as forças.

— « Perdão, meu pai »— foram suas primeiras palavras

— Ha muito, lhe respondi eu, que te perdoei, minha filha; conta-me agora como me appareces viva, quando por dez annos consecutivos tenho chorado mais a tua morte do que a minha desventura !

— « O' meu pai ! Eu não morri n'aquella noite horrivel, porque fui salva por um homem que livrou-me de uma morte instantanea, para dar-me outra mais lenta, de dez annos de agonia ! »

— E quem foi esse homem ?

— « Diogo, o filho do capitão Florencio. »—

— Infame ! bradei. Mas conta-me tudo, minha filha, que saberei vingar-te.

— « Havia muito tempo, disse ella, que eu era amante de Carlos; tinha cedido a seus desejos sob juramento de que elle me espozasse, logo que concluísse a guerra civil. Um anno antes d'aquella noite fatal tinha eu tido um filho, assim como havia trez mezes que tivera uma filha; portanto ligava um amor sincero ao homem que era meu esposo perante Deus, e não podia prestar minha attenção nem a Diogo, nem aos outros homens que buscavam agradar-me.

Carlos chegára n'aquella noite mais cedo do que era costume, afim de poder retirar-se antes que desabasse a tempestade que se armava no firmamento.

Chegára muito pallido e me dissera : Leonor, hontem um vulto viu-me sahir de tua casa, e desde esse momento uma idéa funesta me persegue a imaginação; bem sabes que eu aqui não tenho amigos, e assim, se alguma desgraça me aguarda, não quero deixar-te sem os nossos filhos. Aqui tens este bilhete, indicação segura, com que podes procural-os em qualquer tempo.

Eu recebi o bilhete, guardava-o no seio quando um sussurro estranho nos fez estremecer.

Dois minutos depois Carlos cahia moribundo em meus braços ! »—

A cada pauza, Paulo desabafava um gemido, limpava uma lagrima e contorcía as mãos com desespero. Elle continuou :

— Leonor estava fraquissima, e eu temendo que ella tivesse algum novo ataque, insisti para que descansasse algumas horas; mas ella replicou-me :

— « Não, meu pai, contar-vos-hei tudo, eu presinto que não tenho duas horas de vida; essas melhoras que vedes, não são mais que o prenuncio de minha morte; e continuou :

— Quando tornei a mim vi-me em um quarto, mas sem saber em que logar nem em que caza me achava; a principio nada via, depois minhas vistas foram descobrindo varios objectos, finalmente vi um homem sentado sobre o leito em que eu estava deitada.

Reconheci Diogo; então lembrei-me da noite terrivel e perguntei por Carlos.

— Morreu, respondeu-me elle.

— E porque não morri tambem ! ponderei.

— Porque salvei-te.

— E para que me salvas-te, para que não deixaste-me morrer com meu esposo, e compartilhar com elle da maldição de meu pai ! ?

— Porque te amo, retorquiu-me elle. Meu corpo estremeceu sobre o leito.

— E eu não vos posso amar; respondi-lhe.

— O' isso é que veremos, disse-me sorrindo, e sahiu fechando a porta do quarto pela parte de fóra.

Então principiei a pensar; vi que estava em poder de um monstro, chorei muito; e quando a dubia claridade do dia principiava a filtrar pelas fendas da porta, adormeci prostrada por uma febre ardente.

— Quando tornei a mim era outra vez noite. Pouco a pouco sentia-me com mais forças, ia melhorando. Tres dias depois achava-me completamente restabelecida; então bati á porta.

O meu algoz abriu-a e entrou.

— Acho-me boa e quero a minha liberdade, disse-lhe eu.

— Só a terás depois de me amares, respondeu-me elle, e tornou a sair.

Alguns dias se passarão assim, meu coração já não tinha mais lagrimas para chorar; começava a desesperar quando o verdugo entrou em meu quarto, com um embrulho de cordas.

Então sem nada dizer-me, agarrou-me á força, manietou-me, e estendendo-me sobre o leito á sua vontade, amarrou-me n'elle, baldados os esforços que eu fazia para obstar os seus projectos.

Emfim... senti a morte entrar-me no coração, quiz gritar, vi-me açamada; desmaiei.

E o infame aproveitando-se, insultou a face de Deus com o mais horrivel dos crimes contra a natureza.

## VIII

« Alguns mezes se passarão sem que um só dia, amarrada contra o leito de minha desesperação, não fosse victima do spectaculo nefando, da scena medonha, do castigo mais cruel que se pode supportar na terra!

Resolvi suicidar-me, e neguei-me um dia a tomar especie alguma de alimentos.

— Pois bem, disse elle, vendo-me firme n'esse intento, esperarei que a fome e a sêde te obriguem a comer e beber.

No dia seguinte voltou com alimentos: mas a desgraça dá coragem. Já eu sentia a febre da sede, mas forão em vão os supplicios que soffri! Esbofetada, açoitada, ralada de dôres pela fome que lentamente ia augmentando, fui sempre forte; prostrada, cosida com o chão recebia sem soltar um gemido os açoites que Diogo me applicava.

Emfim, elle rugindo de raiva, sahiu de minha prisão, voltando pouco depois trasendo nas mãos um vaso com agua e um ferro em braza.

A' vista d'esse novo meio de tortura, estremei, as lagrimas saltarão-me dos olhos, arrojé-me supplicante a seus pés implorando compaixão! mas elle collando a taça em meus labios, disse-me com voz terrivel!

— Bebe...

Em vão proferiu elle esta palavra!...

Soltei um grito de dor, as carnes de meu braço nu havião chiado ao contacto do ferro quente.

— Bebe... repetiu elle.

Parecia ser o ultimo dia de minha existencia... minha alma soffria ante o supplicio do corpo! Meus braços forão feridos por diversas vezes, mas tudo em vão: o miseravel não fruiu esse prazer.

Tornou a apparecer de noite afim de principiar a lucta em que eu sempre era vencida; ora perdendo os sentidos nada via, ora succumbindo ao cansaço presentia o gozo feroz do monstro; n'esse dia não perdi os sentidos, mas a razão.

Finalmente tinha enlouquecido!

Um dia senti em meu cerebro uma dôr aguda; a cabeça pezava-me, e um sono profundo prostrou-me no leito por longo tempo; quando acordei senti ter-me voltado a razão.

Julgava ainda estar em poder do meu algoz, mas voltando um olhar pelo meu quarto, fiquei surprehendida! não era o mesmo em que Diogo me retinha presa, estava n'um carcere! não havia alli mobilia alguma; um pouco de palha, restos de uma esteira, me servião de leito!

Uma nuvem sombria envolvia minhas idéas; scismava profundamente sem saber em que, quando um homem entrando em minha prisão, entregou-me um papel dobrado, dizendo-me:

— Estais em uso de razão; podeis sahir. E tomando-me pela mão encaminhou-me á porta da rua.

Final sahi da casa dos loucos!

O' quão ledo foi o meu reviver! Que formoso panorama apresentou-se então ante meus olhos!

Senti meu seio dilatar-se satisfeito, ao contemplar a bella cidade que erguia-se diante de mim! mas ai! pouco a pouco meu coração foi entristecendo, as lagrimas deslizarão-se-me pelas faces; recordava o meu passado!

De repente soltei um brado! lembrei-me de Carlos, de vós, e de meus queridos filhos. O papel que tinha nas mãos era o mesmo bilhete que meu amante me entregára na hora de sua morte!

— Meus filhos! murmurei chorando; e entranhei-me por uma rua, no fim da qual, dirigi-me a um transeunte a quem pedi para ler o bilhete, o qual depois ensinou-me a rua de Bragança, onde eu devia procurar por uma mulher chamada Dolores que habitava em uma casa coberta de madeira.

Serião dez horas da manhã quando cheguei á rua de Bragança, e até ás quatro da tarde já a havia transitado dez vezes em toda sua extensão. Entrei em todas as casas, em todas perguntei por Dolores: ninguem, ninguem conhecia semelhante mulher!

Exhaustas as forças, perdidas as esperanças, ia retirar-me d'aquella rua, quando um homem velho chegou-se a mim e interrogou-me porque chorava?

— Por meus filhos, respondi eu, e contei-lhe a minha historia.

— O' Leonor, tornou-me elle então, ha oito annos que Dolores morreu!

— Como?! pois não estamos no anno de 184..?

— Não, disse elle tristemente; mais nove annos já tem decorrido depois d'esse tempo!

— Meu Deus! Estive louca por espaço de tantos annos?!

Despedi-me do bom velho, mas apenas teria dado cincoenta passos quando senti meus membros tremerem e cahi.

Um homem tinha apparecido á meus olhos...

Era Diogo!

## IX

Agora, meu pai, continuou ella, deveis saber o resto. »—

Seus labios calarão, e um suspiro profundo fugiu de seu peito!

Não me pude mais conter; arrojé-me sobre aquelle corpo despido de carne, beijei-a com delirio, e copiosas lagrimas derramei sobre seus seios, bradando:

— Perdão... Perdão, minha filha! perdão para teu pai, o motôr de tanto martyrio!

Ella sorriu-se melancolica e respondeu:

— « Meu pai, sois bondoso, e a misericordia de Deus é infinita! Aqui tendes este papel, é o bilhete que contém os signaes de meus filhos, procurai-os, procurai-os e se os encontrardes, dai-lhes um abraço e um beijo por sua desditosa mãe! »—

Uma hora depois a minha infeliz Leonor entregava sua alma ao Creador! —

— Coitada ! murmurou Carmen.

Paulo havia cahido em profundo abatimento.

Depois de alguns momentos elle ergueu a fronte e continuou :

— Dez annos já lá se vão que tenho andado errante em procura de meus netos. Todos os meus esforços tem sido em vão ! todas as minhas pesquisas baldadas, e já tenho perdida a esperança de os ver.

Um dia, haverá onze mezes, eu seguia por uma estrada com destino á *Lagôa Vermelha*; depois de um d'esses brilhantes dias de primavera, o sol descambava no horisonte derramando seus ultimos raios sobre a côma das arvores, e o crepusculo principiava a lançar seu pardo lençol sobre a estrada embalsamada pelos perfumes da *gôlaba* silvestre, quando visurgir distante de mim um viajante que seguia destino contrario ao meu.

Volvi os olhos agradecidos aos céus; Deus me proporcionava a hora da vingança !

Era Diogo....

Quando nos chegamos á distancia de dez braças, apontei-lhe uma pistola, brandando :

Alto !

— « Paulo ! » — gritou elle reconhecendo-me; e desfechou-me um tiro ao tempo em que eu recompensava-o da mesma forma.

A Egide de Deus me protegêra !

O cavallo do meu adversario rolou por terra. Então saltei ligeiro do meu e correndo sobre o verdugo de minha filha, respondi-lhe :

— Sim, infame, sou o pai de Leonor : e a hora de tua punição é chegada.

Dez vezes embebi meu punhal em seu coração.

Dez gritos de agonia elle soltou antes de expirar !

— Eu ajudarei a procurar vossos netos, disse Augusto.

— Oh ! será um trabalho baldado, ponderou Paulo; mas aceito a vossa protecção, aceito-a porque o peso dos annos vergão-me o corpo, e o cansaço tolhe-me o movimento dos membros já lassos. Eis aqui o bilhete onde se contém os signaes caracteristicos de ambos; e tirando uma carta do bolso começo a ler o seguinte :

« Minha Leonor.—Nossos filhos forão por mim entregues a uma viuva por nome Dolores, que habitava na rua de Bragança em uma casinha coberta de madeira afim de os depositar em casa de pessoas ricas que possão criar esses innocentes, enquanto o casamento não nos unir para sempre; se qualquer desgraça me acontecer, podes a qualquer tempo requisital-os e reconhecel-os; elles ainda não forão baptisados, mas tanto um como outro tem o signal de tua família, um signal preto em forma de circo sobre o peito esquerdo.... »

A estas ultimas palavras Augusto e Carmen soltarão um grito de admiração.

Augusto levantou-se do sophá, desfigurado e boquiaberto; mas ao ver que Carmen tambem tivera a mesma surpresa que elle, uma idéa terrivel veio-lhe á imaginação, e após alguns minutos lançou-se a ella e rasgou-lhe o vestido na altura dos seios, que ficarão descobertos.

Com effeito, um signal preto em forma de circo orlava o seio esquerdo da moça !

— E' o signal de minha filha ! bradou o ancião enlevado de alegria.

O mancebo tremia com os punhos cerrados sobre as dobras do peito de sua camisa; faltava-lhe a coragem, mas por fim com furioso impeto rasgou a:

Tambem em seu peito esquerdo se estampava o mesmo signal.

— Sois os filhos que eu procurava ! exclamou o velho.

— Ainda não, disse Augusto respondendo mais a si proprio do que a Paulo; resta-nos ainda uma esperanza, disse voltando-se para Carmen semi-desvairada; hem sabia que eu era filho adoptivo das pessoas que me criarão, mas tu, Carmen, porventura não és filha legitima de Frederico de...

— Tens fãção, interrompeu Carmen.

Paulo continuou a ler:

« ....além d'este signal, um levou pendente ao pescoço uma medalha de ouro onde se lê a palavra—Esperança—....

— Eil-a aqui, disse Augusto arrebetando do pescoço a medalha que pendia de um cordão preto.

«...e a outra uma cruz de prata esmaltada de azul—Teu esposo—Carlos.»

— E tens essa cruz? perguntou Augusto à sua esposa.

— Não, respondeu ella, nunca vi semelhante cruz.

— O' l tornou o mancebo derramando lagrimas de prazer, minha esposa! e correu para abraçal-a.

Subito a moça recuou ante os braços de seu esposo.

— Augusto, disse ella, uma hora antes de sua morte, meu pai entregou-me uma carta dizendo estas palavras:

— « E' para abrires um mez depois de casada. » —

— Apenas é meu marido ha quinze dias, mas vou abril-a; n'ella presinto alguma coisa que arrebatará de nossos corações qualquer indecisão.

— Vai buscal-a, disse Augusto, eu confio em Deus!

## X

Pouco depois Carmen appareceu com uma carta nas mãos, e depois de alguns momentos de hesitação, quebrou o lacre.

Ao abril-a, um pequeno volume cahindo de dentro tiniu no assoalho.

Ambos volverão rapidamente seus olhos para o chão.

Recuarão espavoridos! e dois brados de agonia echoarão por todos os angulos da casa.

Paulo não comprehendera o que se tinha passado; não via nem ouvia; apertando a medalha contra os labios, um turbilhão de idéas o tinham tornado abstracto, e só volveu a si d'aquelle torpôr aos brados de Augusto e Carmen.

Seus olhos fitarão se no pavimento, e elle viu a cruz que separava para sempre os novos conjuges!

A ella lançou-se rapidamente, bradando com phrenezi:

— Oh! meus filhos... meus queridos filhos!... fez uma pequena pausa e continuou: Abraçai-vos, viventes felizes, abraçai-vos, que sois irmãos!

A estas palavras Carmen soltou um suspiro e cahiu sobre seus proprios joelhos.

— Sois irmãos!... repetiu ainda o velho entusiasmado.

— Somos esposos! vociferou Augusto desaparecendo como um relampago.

O ancião cahiu fulminado ante tal castigo de Deus!

. . . ? . . . . .

Tres dias depois d'estes acontecimentos, Paulo, com a barba e cabellos completamente encanecidos, gemia prostrado sobre um leito de dôr; uma febre ardente não o havia deixado depois que cahira fulminado.

Carmen estava sentada junto ao leito de seu avô: trajava luto.

Era noite. Uma vela ardia sobre uma cadeira, derramando sua luz grave sobre o rosto moribundo do ancião.

A moça tinha na mão a carta de seu pai adoptivo, que já lera mais de vinte vezes.

Era concebida n'estes termos:

« Minha filha. »

« Amando te sempre como tenho-te amado, tens sido o anjo de minha

felicidade; não posso deixar de dar-te o doce nome de filha : sim, mas no entanto eu não sou teu pai. Agora posso dizer-t'o; porquanto entre os braços de teu esposo não sentirás o menor abalo ao saberes de tua historia.

Uma noite, Carmen, eu entrei em minha casa, serião onze horas, e ao fechar a porta da rua ouvi gemidos de uma criança recém-nascida, parei estupefacto ! soudeei a escuridão com meu olhar e descobri um volume sobre um dos degraus da escada, tomei-o, e reconheci ser uma criança envolvida em pannos !

Eras tu !

Levei-te á minha esposa, bradando :

— Amelia ! aqui tens um presente que Deus nos envia ! Oh ! quanta felicidade para ti que inda hontem com lagrimas nos olhos pedias-lhe um filho ! E elle ouviu as tuas supplicas !... mas não querendo quebrar o direito d'essa natureza que não consente gerar em teu ventre, mandou-te comtudo esta criaucinha. —

Tu já estavas no collo de Amelia que desdobrava os pannos que envolvão te.

— E' uma menina, exclamou ella, e como é linda !—

O prazer borbulhava em nossos corações !

Guardamos-te com todo o cuidado, e dois dias depois nossos parentes julgavão que Amelia havia tido uma menina.

Era nossa vontade que todos se persuadissem que eras nossa filha legitima, e como tal te baptisamos e criamos, guardando sempre este segredo.

Nunca procurei saber quem erão teus verdadeiros pais, sem duvida ou elles morrerão, ou não sabem que existes a meu lado, pois até esta data ainda não te procurarão; se algum dia elles apparecerem, perguntarás qual o signal que tinhas na hora em que foste engeitada, e poderás abraçal-os, se elles disserem que essa cruz esmaltada estava preza a teu pescoço por uma fita de setim verde.— *Prederico de....* »

Paulo delirava; era chegada a sua ultima hora.

Então a porta do quarto abriu-se com estrondo e Augusto, pallido, com os olhos profundamente encovados pela fome e sêde, appareceu como um phantasma !

Paulo entreabriu os olhos amortecidos, murmurando :

— Meus filhos, dai-me vossos beijos de despedida.

Augusto e Carmen chegarão-se para junto do leito do moribundo, e depois de o terem beijado, seus olhares foram attrahidos pelo brilho de um objecto que scintillava sobre o peito do ancião.

A cruz esmaltada pairava sobre aquelle corpo semi-frio, separando os conjuges !

No dia seguinte pelas quatro horas da tarde levantava-se uma lousa no recinto dos mortos para receber Paulo.

Os sinos da cathedral dobravão tristemente....

## XI.

Quem pelas dez horas da manhã, vinte dias depois dos acontecimentos que acabamos de narrar, atravessasse o largo da *Mãe do Bispo* na cidade do *Rio de Janeiro*, ouviria ranger sobre seus gonzos o portão do convento d'Ajuda, e veria dois vultos entrarem.

Carmen ia lamentar suas desditas entre aquellas paredes sombrias !

Augusto acompanhava-a, mas era chegado o momento da separação, era forçoso retroceder.

Os jovens desventurados lançarão-se nos braços um do outro. Por espaço de uma hora enlaçados n'esse amplexo ingente, deixarão suas lagrimas e soluções con-

fundir-se. Finalmente seus lábios unirão-se, e um beijo eclou entre as paredes carcomidas do claustro.

Era o beijo derradeiro entre o amor e o dever !

Era o beijo supremo em que aquellas duas almas sempre unidas, recebiam o açoitado do destino que as separava eternamente !

Era o grito solemne da cruz que os apartava !

Augusto desprendendo-se precipitadamente dos braços de sua irmã, sahio do cemiterio dos vivos...

Mas parou ! Um grito horrivel, um grito de demencia ferira seus ouvidos !

Alli, estatico, sem dar signaes de vida, permaneceu por mais de uma hora, e só do seu entorpecimento foi despertado pelo ranger do mesmo portão que novamente se abria.

Viu então sahir um grupo de tres pessoas. Uma d'ellas era moça e bella ! Seus longos cabellos negros cahidos sobre as espaldas tornavão-n'a encantadora !

Elle reconheceu Carmen !

A infeliz havia enlouquecido !

As pessoas que a trazião, metterão-n'a rapidamente em um carro que partiu com estridor, abafando os gritos do mancebo que a seguia agarrado aos varões de seu recavam.

A carruagem chegou algum tempo depois ao *Hospicio de Pedro II* onde parou.

Os guardas que conduzião Carmen, fizeram-n'a apear-se.

Augusto postára-se á porta do edificio como para impedir a entrada da louca ; e esta lançando-lhe um olhar desvairado, soltou estrondosa gargalhada.

Já não o conhecia !

— Carmen !... Carmen !... vociferou elle, minha boa irmã... minha querida consorte !

Os guardas recuarão atterrados !

## XII.

Pelas duas horas da tarde um homem com indicios de principios de loucura corria desabridamente pela praia de *Santa Luzia*.

Era Augusto.

De vez em quando nas pungentes dores que o ralavão, balbuciava :

— Louca !... louca !... Carmen... Irmã... Esposa ! meu Deus ! e eu vivo !

Que inferno !

Assim chegou o infeliz a uma das barcas de *Nitheroy*, e embarcou-se.

O vapor desatracára e já tinha andado meia viagem. O mancebo sentado sobre a borda, pensava : de repente uma luz infernal offuscou-lhe a razão, o sangue subiu-lhe em ondas ao rosto... fez um movimento e precipitou-se no mar !

No dia seguinte lia-se em um dos jornaes da cidade : « Hontem um passageiro de uma das barcas de *Nitheroy* cahiu ao mar, recebendo logo a morte de uma das rodas do vapor que lhe partiu o craneo. »

Era meio dia. O guardião de um dos cemiterios acabando de ler essa noticia, levantou-se soccagadamente para receber dois corpos que acabavão de chegar ; e com aquella serenidade que lhes é propria, mandou conduzil-os para a valla da pobreza.

Os coveiros são prestes em cumprir suas obrigações, mas não sem primeiro encetar um colloquio ácerca dos mortos que os vem visitar.

Assim dizia um ao outro :

— Estes dois desgraçados erão bem pobres, coitadinhos... vem envolvidos em enchergas !

— Vamos ver, tornou o outro, se são homens ou mulheres.

— O' que linda moça ! bradou um cheio de admiração.

— Que moço bello ! resmungou o outro.

— Esta, replicou o primeiro, é filha de família nobre! não se parece com todas essas mendigas que vem para esta valla, e no entanto seu vestido está em trapos.

— E este, murmurou o outro coveiro, nem sequer tem roupa!

— Fôra bello, repetirão ambos no mesmo tom, e com aquella admiravel simplicidade do homem sem illustração, se elles revivessem, porque enlão vendo-se tão bellos, casar-se-hião.

Os coveiros ao mesmo tempo e com um só olhar havião envolvido os dois cadaveres.

De repente estremecerão atterrados! No seio esquerdo de cada um dos defuntos havia um signal preto perfeitamente igual.

— E' um signal de familia, murmurou um dos coveiros admirado.

— Serião irmãos?! exclamou o outro estremecendo.

.....  
No mesmo leito duro e frio como o gelo, Augusto e Carmen, na profunda valla, com os rostos voltados um para o outro, seus peitos união-se mutuamente!

Nada os separava!

Mas no entanto a o primeiro punhado de terra que cahiu na valla, uma pequena joia rolando veio collocar-se entre elles.

Além da morte a cruz esmaltada os separava mesmo debaixo da terra!

.....  
Porto Alegre.

*F. de Sá Brito.*



# LITTERATURA.

## PRIMEIROS MONUMENTOS DA LITTERATURA PORTUGUEZA.

A litteratura, segundo a judiciosa opinião de Jinguene, marcha sempre a par dos successos politicos.

O seu desenvolvimento não só necessita dos grandes acontecimentos a cujo influxo a patria se engrandece, como depende de um systema governativo essencialmente liberal.

E' á luz da liberdade que a mocidade se desenvolve, o estro juvenil rompendo a atmospheria do materialismo remonta em alteroso adejo a devassar novos horisontes na esphera das letras patrias.

O systema despotico dos governos, longe de ampliar as aspirações nobres e sublimes do povo; de embutir no seu espirito elementos de progresso e civilisação, não só interrompe a moralidade dos bons costumes sociaes, como com o jugo de suas calamitosas arbitrariedades entorpece, suffoca e asphyxia a imaginação ardente, que no seio da mocidade desabrocha radiante de luz e intelligencia.

Quantos talentos superiores, engenhos elevados e intelligencias legitimas, que aliás poderião concorrer com o poderoso auxiliar de agigantadas epopéas para a grande obra da civilisação, não são obrigados a retroceder os vãos para estacionar nos páramos da mediocridade, opprimidos e tyrannisados pelo jugo oppressor de torpes especulações e das conveniencias politicas?

A historia ahí está offerecendo-nos, em todos os paizes e em todos os tempos, as mais evidentes provas d'esta verdade; a Hespanha é talvez d'entre todas as nações do globo a que maior copia d'estes abominaveis exemplos nos dá.

Estude-se a litteratura hespanhola e observar-se-ha que, sendo aquelle paiz tão fecundo em talentos, não derão comtudo os seus engenhos o que promettião ou o que podião dar.

As suas obras que aliás tendião a traçar espaços luminosos no horisonte da litteratura universal, restringirãose ao acanhado circuito que lhes impoz o terror do despotismo e o predomínio clerical que áquella infeliz parte da Europa enviára o ultramontanismo do Vaticano.

Que a compressão do despotismo apavora e aniquila quasi que totalmente a liberdade individual é e será sempre para nós uma verdade incontestavel.

Sem a liberdade individual não ha litteratura de principios, doutrinaria, civilisadora.

O terror que o poder despotico infunde nas multidões, calando no animo dos homens de letras, priva-os da legitimidade de suas prerogativas—o sagrado dever de illuminar o povo, instruindo-o nos direitos que o tornão soberano.

Assim o genio predestinado a fixar uma epocha brilhante na historia das bellas letras, longe de irradiar-se nas espontaneas manifestações democraticas; de inspirar-se no ambiente vivificante da expressão popular, cobre-se de aviltamento nas artificiosas exaltações litterarias com que lisonjeia o proprio algoz de seu poder individual, de sua influencia, da liberdade de suas faculdades intellectuaes, e por consequencia de suas proprias glorias.

Poder-se ha, porém, qualificar esses homens de letras que mercadejão com o talento uma posição official, de verdadeiros genios na litteratura? Não, porque esses

homens ainda que talentosos, não são levitas de uma crença robusta, de uma fé inabalável; não são verdadeiros e legítimos apóstolos d'essas idéas a cujo influxo tudo se vivifica e aquece, tudo se alenta e regenera, d'essas idéas liberaes que por meio da diffusão da luz, hão de aperfeiçoar e promover a felicidade do genero humano, porque são fundados no sagrado direito da lei, da razão e da justiça.

A litteratura hespanhola, pois, persistimos em affirmar-o, não deu o que podia; resente-se quasi que em todas as epochas d'essa pressão que a tyrannia dos governos exerce no animo do povo.

Honra a Portugal, que vivendo, se nos permittem a familiaridade do termo, quasi no mesmo caso dos vizinhos da Iberia, soube preservar-se d'esse contagio pernicioso, e sustentar com a soberania de um povo livre e independente, a sua autonomia intellectual!

Portugal, que desde os tempos primitivos acostumou os seus filhos a lutar pelas liberdades da patria; que sacudiu o jugo dos Phenicios, dos Godos, dos Carthaginezes, dos Mouros e dos Romanos; que com o gladio em punho proclamou nas côrtes de Lamego a sua independencia; Portugal que assombrou a humanidade com as suas descobertas; que aperfeiçoou a ordem das relações sociaes dobrando o promontório das tormentas; Portugal que descobriu a mais rica e opulenta porção do novo mundo, e levou os dominios de sua nacionalidade até ao Indo e Ganges, não podia deixar de produzir um genio como Camões, que se erguesse no esplendor da sua magestosa inspiração para decantar as glorias lusitanas, na altura dos heróes que as alcançarão!

Foi n'essa felicissima idade de ouro das letras portuguezas, que tanto o autor d'essa famosa epopéa — *Os Luziaes*, — como Ferreira, Sá de Miranda, João de Barros, Caminho, Bernardes e outros distinctos escriptores, se esforçarão na ardua tarefa de fazer attingir ao ultimo gráu de perfectibilidade a lingua portugueza, que por sua transcendente e nobre genealogia grega, latina e arabica, se presta a todas as formulas litterarias, e como a italiana se amolda suavemente ao rigor da metrificacão e do rithmo.

Verdade é que apoz essa epocha feliz, em que aquelle pequeno canto da Europa levantou-se orgulhoso de suas glorias militares para mostrar ao mundo que como nas conquistas e nas descobertas tambem na litteratura occupava um logar de honra na vanguarda das nações civilizadas da Europa, forçoso é confessar que as letras principiarão a perder o sentimento do patriotismo, o verdadeiro cunho de sua nacionalidade.

Nem podia deixar de ser assim. A litteratura que acompanha os acontecimentos politicos, perdeu com a queda da independencia quasi que os ultimos vestigios do espirito nacional.

Os poetas portuguezes, em logar de seguirem a ampla vereda que tão patrioticamente fôra aberta por Camões, Ferreira e Luena, afastarão-se do luminoso trilho para se engolpharem n'um pelago de allocuções acastelhanadas e de outros estrangeirismos de mau gosto com os quaes aniquilarão quasi que totalmente o estro da nova geração que despontava.

A decadencia das letras portuguezas principiou a manifestar-se nos trocadilhos italianos de Fernão Alves, e estendeu a sua obra de exterminio desde os alambicamentos da hyperbolica Malaca de Sá de Menezes até a campanuda Enriquecida do conde de Ericceira e de suas pretensões restauradoras.

Todas as nações, porém, tem seus eclipses; a França tambem os teve, e se foi mister erguerem-se n'aquella nação os Molières, os Boileaux, os Racines, os Fnelons e os Corneilles para salvarem a lingua franceza do imminente naufragio que a ameaçava, tambem Portugal teve sua epocha de restauração das letras nos Philintos, nos Garcões, nos Tolentinos, nos Quitas, nos Elpinos e n'outros muitos ornamentos da Arcadia portugueza.

E' que o espirito nacional não tinha morrido de todo, palpitava com vehemencia em todos os coraçoes, e á medida que se ião recobrando as liberdades políti-

cas, resurgia a litteratura com todos os atavios e galas de seu proverbial e patriótico resplendor!

Afastamo-nos um pouco do infinito com que principiamos a escrever este artigo; vamos, porém, reparar essa falta, apresentando uma ligeira noticia que extrahimos de alguns jornaes, sobre os primeiros traços da nascente poesia portugueza.

A poesia, esse oleo sagrado com que a Providencia ungiu a fronte de seus predestinados; essa linguagem sublime que tanto se casa e harmonisa com as notas dos hymnos da liberdade, foi o genero de litteratura que os lusitanos cultivarão sempre com mais solicitude, proficiencia e caprichosa desenvoltura.

Os nossos primeiros poetas, talvez devido á docilidade do clima portuguez, ou ao archetypo das pittorescas paisagens em que se inspiravão, levarão a palma aos poetas das outras nações no genero pastoril!

Grossos volumes de incontestavel merecimento que legarão á posteridade, ahí estão para o attestar!

Os primeiros esboços, porém, da nascente poesia nacional, brilhando atravez da negridão dos tempos idos, remontão ás priscas eras da fundação da monarchia!

Cita, entre os mais antigos portuguezes que cultivarão a linguagem das musas, Egas Muniz Coelho. Compoz este illustre varão duas epistolas em linguagem cadente e harmoniosa. Não noticiamos estas producções como modelo de estylo ou prodigio de arte; mas é incontestavel que a sua—*Canção de despedida*—é um poema de amor e sentimento, repassado de dores curtidas pelas lagrimas de saudade!

Expressivo e meigo como o canto do cysne moribundo, suave e melancolico como o psalmodiar da virgem no templo do Senhor, é esse derradeiro adeus de despedida!

A canção de Gonçalo Hermingues manifesta distinctamente a decidida tendencia que já n'aquelles tempos havia para o cultivo da poesia.

As cantilenas de Guesto Ansur e os fragmentos do poema—*A perda de Hespanha*,—são verdadeiros monumentos de antiguidade!

Balbi cita o fragmento de um poema que foi escripto (ignora-se o autor) em 1112.

Todas estas producções inclusive um manuscripto intitulado—*O Cancionciro*,—que existe na torre do Tombo em Lisboa, forão impressas em 1516 por André de Rezende.

Existe ainda, segundo a solicitude dos investigadores das reliquias litterarias da antiguidade, o fragmento de um poema que versa sobre a occupação de Hespanha pelos arabes.

Este fragmento composto em oitavas heroicas, foi encontrado no castello de Lousão, e posto estar já meio apagado e carcomido pelo tempo, offerece trechos admiraveis, e alguns rasgos luminosos de homerico alaude!

Attribue-se este poema ao ultimo rei dos Godos.

Na ligeira noticia que damos d'essas primitivas concepções do espirito humano, não as apresentamos como collossos epicos de Hellenica tuba.

Imperfeita como estava ainda n'aquelles tempos a lingua portugueza, não auxiliava os nossos maiores a grandes accommettimentos litterarios; mas é certo que devemos respeitosaente acatar esses primitivos traços como preciosos monumentos de antiguidade, que na falta de outras perfeições, tem o espirito de iniciativa e a dupla virtude de attrahir as gerações que desabrochão, aos arraiaes das letras.

# OS PALMARES

## ROMANCE HISTÓRICO

POR

APPOLLINARIO PORTO ALEGRE,

~~D. C.~~

( CONTINUAÇÃO. )

QUADRO II.

**RAÇAS RIVAES.**

Era o tempo em que os cajueiros abrião as flores e a carahiba attrahia á sua sombra o alipede suçupára.

Subupira despertava, e, como o calumbi das brasilianas florestas, expandia-se ao primeiro beijo da luz, aos primeiros olhares do céo.

Os leques das palmeiras, que sobresaíão aos tujupares de sapé, murmuravão meigamente á aura matutina, fresca e pura, um poema de liberdade, cujas estrophes erão tantos corações palpitantes de enthusiasmo, tão fortes e inconcussos como as penedias da serra, cujas harmonias era a voz d'essa natureza que fallava pelo sussurro das matas seculares e o murmurio dos rios gigantes.

Subupira na paz preludiava o cantico mavioso das venturas sociaes; na guerra repetia effervescente o hymno sublime dos combates.

Subupira era a Thadmor do deserto.

Corria o anno de 1678.

A ave da morte piára sobre a cumiáda da gentil cidade das solidões. Foi merencoria melopéa ! Estridulos de desolação que arrancavão lagrimas !

André da Rocha já passára ao longe, após elle Antonio Jacome Bezerra, e Subupira sorria desdenhosa entre as palmas da carnaúba, entre os encantos de sua realza, aos modilhos dos guerreiros que a defendião. Sorria desdenhosa... e elles passarão !

Quando o tufão açoita a sapucairana, seus ramos desprendem gritos de co-lera, arrojão punhados de folhas como guantes de desafio, os galhos rangem, a seiva corre impetuosa pelas fibras; o cerne, o alburno ea cortiça pulsão em impetos de força, e as raizes agitam o seio da terra. A sapucairana resiste, estortega-se luctando; mas vence. O tufão foge humilhado, e ella campeia altiva sobre a selva, destacando no azul ambiente a magestade de seu porte coroado do triumpho.

Mas um dia — a arvore rainha — baquêa e os ventos do mundo caminhão sobre ella, como urubús sobre um cadaver.

Assim a capital dos Palmares.

D. Pedro de Almeida, o governador de Pernambuco, foi um horisonte escuro, Fernão Carrilho — o tufão, Subupira — a sapucairana.

Subupira despertou aos sons de guerra.

Fabul abraçando a extremosa esposa, beijando a fronte innocente dos filhinhos, corria aos seus, bradando :

— Fabul hoje morre com os Palmares, ou vence os inimigos da sua patria.

Suas valentes legiões erguerão um brado unisono de aprovação. Arcos e flechas, partazanas, segures e carabinas brandidas á luz do sol despedirão rubras scintilhas.

As muralhas da cidade estavam bem guarnecidas em suas tres portas, braços de azeviche, rijos como o ferro, frontes esplendentes de heroismo, defendião-n'as.

Ella demorava, como um ninho de condor, entre penhascos; á leste o terreno declinava em onduosa rampa, fenecendo em verdejantes planuras; nos outros angulos derramava-se em formosa chapada coberta de frondente e nemoroso arvoredo. D'este lado era inexpugnável, porquanto a subida era impervia, anfractuosa, semeiada de alcantis e escarpas que esvaião-se em fundos despenhadeiros e algares, onde a treva nunca se esgarçara a um raio de luz, onde turva e mephytica agua escoava subterraneamente abrigando ao seio o horripilante jacaré, o itanha de canto mortuario e a boicininga de dente mortifero.

Fernão Carrillo erguera seus arraiaes na planicie oriental semi-occulto nas densas ramas dos bosques que a circundavão.

Na frente do valente sergipano, na alvorada d'esse dia, havia uma funda ruga, onde a meditação abria as azas.

Que planos lhe cruzavão a mente ?

Advinhal-o, fôra impossivel.

O physico d'um terço, christão novo, outr'ora de nome Abimelech, e então Antonio acercou-se d'elle e lhe disse:

— Meu bravo coudel, que tendes?

— Penso, retorquiui-lhe.

— Pensais !

— Sim, e apontou-lhe o mocambo.

— Ah ! Em Subupira ? Os Palmares não merecem senão indiferença de seu constante vencedor.

— Vos enganais, Sr. physico, preferira em plena campanha combater com um exercito europeu que com dois terços dos perros e bulrões de negros... Hade puxa ! Que os conheço bem !

— Pois temeis desar no combate de hoje ?

— Pensava n'isso, hoje elles me atacão, segundo corre, e até agora eu os atava.

— A' noite saber-se-ha; porém, que éfeito de Pero Lopes ?

Carrillo piscou os olhos, sorrindo maliciosamente.

— Talvez por esses contornos os Palmares não tenham mais cádimos e fidagal inimigo.

— E' um habil e valoroso companheiro que já opera para dar desfecho á lucta contra os malditos quilombolas.

— Eis porque em vão o procurava.

— Hoje o tereis triumphante. Passai algumas horas sem vel o, Sr. physico, que ora elle farisca a preá.

Um sargento-mór approximou-se do bravo mestre de terço.

— Que temos, Roberio ?

— Dois esculcas chegarão e dizem que em breve teremos o inimigo á mão.

— Bem, ha muito que os espero. As munições já forão distribuidas?

— Já.

Voltou-se para Antonio :

— Sr. physico, preparai o escalpello e as ligaduras que não tardará muito que tereis a fazer.

Tanto na praça sobranceira e bellicosa, como nas tendas dos bravos sertane-

jos, reinava indizível anciedade; era igual em uns e outros a sêde de vingança.

O Zambi e seu conselho havião decidido que fossem atacar, sahindo fora das trincheiras.

Ao rufo estrugidor dos *trócanos* de tóros concavos de sucupira forrados de macia pelle de veado, ao som das bellicas parapandas, as tres portas do mocambo descerrarão-se ruidosas nas bizagras, e, como reprezas d'um dique, deixarão livre curso ás torrentes de guerreiros.

O caudal do Amazonas e a corrente do Atlantico, quando vem o preamar, embatem, os vagalhões de um e outro erguem-se como dois cyclopes de quatro braços de altura, abração-se, enovelão se, arcão, estrebuxão offegantes, oscillão e tombão, produzindo tal ruido, que, no perimetro d'uma legua se ouve distincta e funereamente.

Mal ruem, levantão-se de novo; estendem os compridos braços, cospem salsa e espumea saliva um sobre o outro, e o combate recrudescce mais ardente, mais tumultuoso entre o Atlante dos mares e a Amazona dos rios.

Assim decorrem horas.

O movimento dos dois gladiadores é tão impetuoso que solta no espaço furacões após furacões, que vão estruindo troncos, desmoronando barrancas, rompendo as velas que pandeavão no horisonte e asphixiando bandos de aves que percorrião os ares.

E' o resfolgar do pulmão das aguas quando a fadiga o toma.

E' a pororóca.

Como ella, assim o encontro dos dois exercitos.

O chapéo de largas abas de Fernão Carrilho e o penacho purpureo e fluctuante de Fabul approximavão-se, dois ginetes nitrião de prazer respirando o ar fumoso da batalha e sob os acicates de dois grandes vultos.

Os dois chefes abalroavão de espada em punho, quando uma mó de soldados separou-os.

Muéra, o ministro dos exercitos entre os Palmares, via-se a braços com o sargento-mór Roberio de Magalhães.

A lueta proseguia quasi peito a peito, blasphemias e imprecações emmaranhavão-se com gritos de dores, vascas de morte, retintim e ribombar das armas.

De sobre as muralhas de Subupirá compacta multidão de velhos, mulheres e crianças, assistia ao spectaculo medonho das pugnas, animando os seus com a voz e o gesto.

Era um triste quadro!

O centro do exercito palmarino depois de tres horas começou a fraquear, recuando.

Fabul que impavido fazia o flanco esquerdo avançar, apenas viu o desbarato, correu a seus bravos, bradou-lhes vehemente e incisivo, fazendo seu invencivel corsel lançar se entre a hoste adversa.

— Querem os Palmares ver o sol deitar-se sobre a ruina de sua liberdade?

Só disse.

Foi bastante.

As legiões sustarão e rábidas como as vagas ao sopro da tempestade, rolarão sobre a columna portugueza. Esta retrocedeu a seu turno ante o inaudito esforço dos Palmares.

Muéra no flanco esquerdo escapára milagrosamente n'esse momento. O sargento mór robusto como elle, porém, mais déstro no manejo das armas depois de certo tiro de pistola, que felizmente lhe resvalára pela face por um movimento ligeiro do cavallo, arrancou da espada e arremetteu contra o negro, cuja pertinacia o irritava: afastadasda liça começarão renhido, infatigavel certame, onde o odio lhes dava forças, e a esperança de o saciarem, fazião-n'os sorrir. O ferro de Muéra, sahindo da linha de defeza, Magalhães com uma exclamação de feroz ale-

gria ia atravessal-o, quando uma bala feriu-lhe o punho que esgrimia, e seu adversario embeben-lhe toda a lámina no peito.

Fernão Carrilho afinal encontrou Fabul que ha tanto procurava, e que já perdera dois de seus mais estimados ginetes, dois fieis companheiros que seguião-n'ò sempre ás lides marciaes com estranha intrepidez e rara intelligencia.

O sergipano acercou-se do Zambi, clamando furioso :

— Ha de puxar ! Que te encontro perro de negro !

— Por S. Braz que te respondo, ladrão das matas ! Retorquiu-lhe o outro, desfechando um tiro que arrancou-lhe o chapéo.

— Per Satanaz ! Que me pagas principal e juros ! E outra detonação reboou aos ouvidos de Fabul, impassivel vibrando pezado golpe, que Carrilho aparou em terça com indizível gentileza.

— Ah ! Branco, não me canses que o rei dos Palmares será cruel na victória.

— Quilombola, sabes como se mata uma cobra ?

E os golpes se repetião, e as espadas faiscavão o como serpentes distendião o corpo esguio, retrahindo-o logo para novos golpes que não fazião nenhum dos baltadores titubar.

Espesso véo de fumo os rodeiava.

Grupos de combatentes de ambos os lados, que vinhão em auxilio de seus chefes, empenhavão-se em torno d'elles em semelhante e tão arduo pelear.

Em quanto a luctaaqui vai indeciza, no flanco opposto a columna palmarina commandada por Irapuá, afamado potyguara, que votava aos colonos o mais inveterado e fundo odio que o peito humano pode conter, carregava sobre elles, rompia-lhes as fileiras cerradas, e, semelhante a um corisco, por onde percorria, deixava um traço de morte, sangue e incendio. Seu braço não abalava só, ou trucidava ou fazia ruir por terra. Bravo, Irapuá ! Vinga teus irmãos, a quem roubarão o berço que deu-lhes o senhor da tempestade, cujas tabas forão taladas, cujos filhos ou reduzirão á escravidão ou dispersarão nos desertos já sem fé, sem familia e sem patria !

As quinas te vencerão um dia, é justo teu desforço. Tambem onde apparecia Irapuá um claro se fazia na cohorte adversa ; sua presença era um auguro sinistro, seus movimentos — a morte. Os colonos arrimando-se á selva ião engolfando-se na ramagem.

No centro era um cahos.

Brancos e negros envencilharão-se de tal fórma que ferião céga e indistinctamente. O machado, a hallabarda, a adaga longa e de folha larga, as ponteagudas chuças havião quasi exclusivamente substituido ao mosquete e arcabuz.

Muéra estava com uma bala nos omoplatas, outra n'uma coxa e algumas contuzões; mas antes de morrer queria vender bem cara sua vida e liberdade. O cavallo lhe morrera, o nobre consocio de tantas glórias o precedeu na eternidade; mas a pé, vergado sob as dôres dos ferimentos, era um rochedo em que a furia dos contrarios se quebrava, como as maretas sobre um parcel na soidão dos mares; mas alquebrado pela perda de sangue e pelas fadigas, ainda sopezava o gladio, pezado, longo e largo, e o descia, como antigo montante, de alto a baixo sobre a turba-multa que tentava esmagal-o. A cada vibração do ferro mortifero um inimigo cahia-lhe aos pés desfeito em duas partes, a cada esgar seu fazia-se presta e marulhosa ressaca em torno do denodado campeão, do valoroso Muéra !

Sua frente vertia copioso suor, suas chagas precioso sangue em borbotões, sua alma scentelhas através dos olhos. Alfim sua espada se quebra contra a rija clavícula de herculeo miliciano, e um sargento lhe brada, correndo-lhe traiçoeira e funda estocada:

— Entrega-te, quilombola !

— Ah ! Emboaba ! Pôde inda pronunciar erguendo-se e partindo o craneo do miseravel com os cópos que lhe havião ficado nas mãos.

Tambem foi seu ultimo esforço, cahiu trespassado de mil golpes.

Sol, porque não extinguiste tua luz n'esse dia ! ? E prosegues calmo e indifferente !

O Zambi chegou a tempo de ver o estrenuo ministro baquear soberano inda na quêda. Era tarde para ordenar sua gente aqui.

Fabul e Carrilho havião suspendido essa especie de justa particular em que os vimos para correrem aos lugares em que sua presença era reclamada.

Então de Subupira desprendeuse sáfara e angustiosa pocêma, as portas do mocambo se abrirão de par em par e deixarão velhos, mulheres e crianças perseguidos por alguns terços de milicias que fazião tremular victorioso o estandarte das quinias de Portugal.

Era o effeito da estrategia do habil sergipano. Durante a noite fizera Pero Lopes, embuçado nas trevas, galgar inaccessiveis despenhadeiros, apesar dos óbices que apresentava semelhante empresa, para no combate que esperava no dia seguinte cortar a retirada ao inimigo, tomar-lhe a cidade e atacal-o pela retaguarda.

Fabul, á vista de tão inesperada eventualidade d'essa tentativa que julgava impossivel a não ser para elles que havião aberto um carreiro na serra, sobreestteve attonito. Ia-lhe sendo fatal semelhante pasmo, uma partazana o atravessaria, se Saputy, donzel de dezeseite annos, filho de Irapuá, vendo o perigo que seu chefe corria, não se lançasse sobre a haste da arma, fazendo-a curvar com o peso do seu corpo.

Os brancos soltavão victores de alegria, perseguindo os negros que fugião em todas as direcções.

Fabul manda tocar retirada.

O trócano e as parapandas guerreiras soarão.

O grito de : Aocaminho da montanha ! echoou suave ao ouvido dos Palmares.

Foi a voz de Fernão Carrilho estatelar, pois em seus planos tambem pensou que não havia ultimo recurso para os habitantes de Subupira.

Os Palmares, que puderão reunir-se, embrenharão-se nas matas do sopé da serra da Barriga, contentes por terem salvo seu estandarte, onde em fundo branco via-se desenhada com as côres naturaes uma donosa palmeira.

Carrilho ordena Pero Lopes que immediatamente os siga com quatro terços, manda reunir sua gente, que encarniçada ia sobre os fugitivos, destaca metade para guarnecer o mocambo, e retém a outra junto a si para guardar os prisioneiros e render as ultimas honras a centenas de bravos mortos n'esse dia....

Depois o sertanejo audaz de Sergipe fitou o astro do dia.

O sol marcava quatro horas da tarde, proseguia bello em sua rota, sorrindo sobre aquelles campos e florestas, onde os cajueiros abrião as flores e a carahiba attrahia á sua sombra o alipede suçupára.

( *Continua.* )

# PARECER

## SOBRE A THESE HISTORICA

### **A vinda dos jesuitas no Brasil foi benéfica ou perniciososa ?**

Folhêmos as paginas da historia e lancemos nossas vistas no solo em que Cabral plantára o symbolo do christianismo, abraçado aos padrões da realza portugueza.

Foi a epocha em que a Lusitania locou ao auge de glorias; suas quinas tremulavão nas terras descobertas por seus filhos, e sua armada tomava a vanguarda ás mais nações civilisadas.

Portugal n'este periodo era a aguia possante que adquirira por seus feitos o predomínio dos mares.

Pouco mais de cinco decennios havia que Colombo aportára ás plagas americanas, onde encontrára tribus errantes, povos barbaros, alheios completamente á civilisação e aos costumes do velho continente.

Havia uma grande necessidade de lançar-se n'este terreno virgem a semente civilisadora.

Pouco tardou.

D. João III no meiado do seculo XVI sustinha o sceptro de Portugal, conhecia perfeitamente a necessidade de engrandecer sua nova colonia e por isso empregava todos os meios convenientes para que essa possessão fosse povoada, derramando n'ella a luz da civilisação européa.

Creou um regimen governativo, encarregou os discipulos de Santo Ignacio da instrucção d'esses povos selvagens, que se davão inteiramente á guerra.

Thomé de Sousa foi o escolhido para dirigir essa possessão, que as mais potencias da Europa ambicionavão possuir.

Com Thomé de Sousa vierão alguns membros da companhia de Jesus, com o fim de accenderem o facho civilisador nos immensos sertões do novo-mundo.

Era ardua e espinhosa tal missão; mas á esses apostolos sobravão piedade e resignação para guiarem essas massas creadas na carnificina, e sedentas das victimas immoladas nas aras de Marte.

● unico alvo d'elles no Brasil era a regeneração do gentio.

Em pouco tempo chamarão ao gremio social milhares de selvagens dados á pilhagem e a essa vida errante.

Foi bem difficil; porém, mais glorioso foi o triumpho da intelligencia calcando ás plantas a brutalidade selvagem.

Aspicuella aprende a lingua tupy, e da tribuna sagrada aponta-lhes a verdadeira senda em que devião trilhar.

Anchieta e Nobrega entregão-se devotadamente á causa que ambos havião emprendido.

E porventura se poderá escurecer as virtudes, as privações e os sacrificios que sollrerão esses martyres?! Não.

O primeiro periodo d'elles na terra de Santa Cruz é uma gloria immorredoura para a congregação; forão elles os primeiros que lançarão n'esse terreno os germen da civilisação atravez das espessas neblinas da barbaria.

Seus successores mais tarde degenerarão e nodoarão õs feitos gloriosos de seus antepassados.

Já não era a crença christã que õs trazia á terra americana, e sim a sêde de oiro.

O gentio era escravizado e o seu suor usurpado, revertendo para os cofres da companhia, que pretendia predominar em todo o orbe.

As missões de nossa provincia vierão a ser mais tarde o asylo d'esses sacerdotes aventureiros, e ali então dominavão despoticamente, erguidos nas azas da ambição.

Se Montoya, Matheus Sanches e outros afastarão-se do caminho que devião seguir no Brasil, tendo em mira o dominio e o oiro, não se pode comtudo envolver no manto negro do esquecimento os beneficios e os sacrificios de seus antecessores, os primeiros que derramarão as luzes da civilisação no Brasil.

Apresento agora duas opiniões, a do nosso contemporaneo Macedo e a do illustre Raynal.

Eis o que diz o historiador brasileiro em referencia á primeira epocha dos jesuitas no Brasil:

« Com a affabilidade do trato, com a piedade, a paciencia e dedicação attrahirão numerosos cathecumenos entre o gentio, a quem encantavão ainda com os cantos religiosos, apparatusas solemnidades e com as procissões em que apparecião os meninos indios ou columins vestidos de acolytos. »

Vamos mostrar o que elle diz tratando do ultimo periodo d'elles:

« Os padres davão o exemplo da mais escandalosa perversão dos costumes: por certo que não terião sido nem os mais instruidos nem os mais moralizados aquelles que havião conseguido trazer consigo os donatarios; e esses padres sujeitos á mesma influencia que os outros colonos, livres de toda a disciplina, entregarão-se aos maiores excessos e se forão assalvajando com os selvagens. »

Agora apresentamos a opinião do illustre escriptor francez:

Jámais sonhãrãode appropriar-se dos productos de um territorio, que sem elles provavelmente jazeria até hoje no estado inculto e inhabitado do resto d'America: encontrando a cada passo obstaculos indiziveis, fadigas excessivas, e algumas vezes a mesma morte, que incomprehensiveis trabalhos, cuidados e paciencia não lhes custaria para fazer passar selvagens de uma vida errante para o estado social! E' preciso convir que este prodigio de civilisação só podia ser desempenhado por estes religiosos, que havião adquirido um heroismo christão, e arte tão difficil de fallar aos corações e aos espiritos ferozes a um grão, em que não tem sido iguallados; e se em geral semelhantes corporações são as mais proprias para faes empresas, e com as forças necessarias para desempenhal-as, já pela santidade dos motivos que sucão na sua instituição, já pelas virtudes adquiridas e sobretudo, pelo espirito de perseverança, de que participão, quanto mais completa deveria ella ser pela sociedade dos jesuitas, que sobrepujou infinitamente, e eclipsou tudo quanto fizerão as outras congregações na mesma carreira! Todavia seus successores liverão vistas menos nobres e menos puras; lançarão o germen de dominio, e fundarão um systema de ambição e de soberania sobre a destruição de todas as bases sociaes, e buscarão um augmento de fortuna e de poder, onde não deverião ter em fito mais que a gloria do christianismo e o bem da humanidade: nada poderá disfarçar e diminuir o horroroso attentado, com que abusando, por tudo aquillo que a virtude e a probidade tem de mais sagrado, da boa fé e da confiança da cõrte de Madrid, se prevalecerão da innocencia, simplicidade e do trabalho dos seus proselytos para se fazerem opulentos, para comprarem credito na Europa, e para augmentarem uma influencia já perigosa por todo o globo; para estragarem e perverterem os principios de equidade natural com maximas depravadas; e para enfim com enthusiasmos de independencia os levarem no fogo da rebellião a combater com fanatismo e desigualdade contra tropas regulares e disciplinafas.

*Achylles Porto Alegre.*

# MINHA LYRA.

Qual sabiá, que tímido seu canto  
Faz ouvir no sertão ;  
Oculto d'entre a côma das palmeiras  
Vai alli ensaiar canções primeiras  
Das flores na estação;

Ama o tetrico e lugubre silencio  
Que respira nas matas;  
Ama ouvir o suave borborinho  
Das aguas, que se vão quebrar mansinho  
Nas fraguas das cascatas;

Quando a tarde ao cahir no berço dorme  
Placido o innocente,  
A sorrir-se com as palpebras cerradas;  
E as brizas do norte perfumadas  
Lhe embalão brandamente;

Quando as flôres da sésta se levantão  
Ao sopro da lufadas;  
Quando após vem a noite com seu manto  
Derramar em seu seio o doce pranto;  
E dormem desgrenhadas;

Quando bella no céu esparge flôres  
A aurora roseada,  
E o desperta em seu ninho humedecido;  
Um canto entôa alli sem ser ouvido  
A' sombra da ramada.

Canta quando o sol sorrindo nasce  
Um cantico ao Senhor :  
Tímido não librou ainda os ares,  
Vive ignoto no seio dos palmares  
O rustico cantor.

O seu canto não tem'a melodia  
Das ternas juritys;  
E' como os sons discordes que desferem  
As cordas, se um dedo estranho as ferem  
Das harpas das hurys.

Assim minha lyra vive humilde  
Em sua solidão;  
As suas notas são como vagidos,  
São quaes do sabiá gorgeios tímidos  
Soltados no sertão.

*Manoel José Sueiro Junior.*

# A....

Tu foste a estrella que brilhaste unica  
Na noite negra de meu céu fatal,  
Da mocidade na florida estancia,  
Unica rosa que brotou o rosal.

Eu era jovem .. tinha a face pallida  
De atroz martyrio supportando a cruz;  
Era poeta, mas a mente lugubre  
Sonhava em trevas almejando a luz.

A luz tu foste, illuminando rutila  
O vacuo fundo que jazia em mim;  
Vi-te, mirei-te, perguntei-te «amas-me?»  
E tu tão meiga murmuraste «sim.»

Então votei-me arrebatado em extasi  
Ao ineffavel que exprimiste alli;  
Senti o que sente-se e que nunca explica-se,  
Senti que vivo, e viverei por ti.

Anjo descido dos celestes páramos,  
Que pela terra peregrino vai  
Passando a porta do infeliz n'angustia;  
Paraste virgem p'ra escutar, um —ai—.

Foste o pharol a reflectir argenteo  
Que avista o nauta no revolto mar;  
Balsamo doce —de minh'alma a ulcera  
Só tu soubeste com tua mão curar,

Flor transplantada dos jardins de Ausonia  
A' gleba esteril do Siberio frio,  
Eu, pouco desmaiando as petalas  
Murchava á mingua do calor do estio:

Tu foste o sol quena corolla gélida  
De ardentes raios inundaste a flor;  
E agora eu sinto renascer mais vivo  
Ao grato brilho do nascente amor.

Bem vinda sejas—minha estrella unica  
Na noite negra de meu céu fatal,  
Da mocidade na florida estancia  
Unica rosa que brotou o rosal.

Bem vinda sejas—occupando rutila  
O vacuo fundo que jazia em mim;  
Vi-te, mirei-te, perguntei-te «amas-me?»  
E amor tu deste-me em teu doce «sim.»

# A' POETISA

**JULIA MARIA DA COSTA. (\*)**

*As flores dispersas* são flores do céu,  
Rescendem olôres, essencias divinas,  
Em beijos de anginho viçosas se abrirão  
Envoltas nas folhas de brancas neblinas.

Nascerão banhadas aos raios d'aurora,  
De leve nutridas d'orvalho das noites,  
Que as pet'las unginde de aromas sublis  
Os ares perfumão da brisa aos açoites.

São flores mimosas de ethéreos jardins,  
A' tarde collidas na tenue penumbra,  
Que a noite desata do cimo do serro,  
E a face animada dos mares obumbra.

São notas suaves de eólio instrumento,  
São hymnos sublimes de maga harmonia  
Pordedos de anginho tangidas a medo  
Em noites serenas, em hora tãrdia.

*As flores dispersas* brotarão no céu  
Vasando perfumes, fragancias divinas,  
E aqui ao bafejo das auras se abrirão  
Envoltas nos folhos de brancas neblinas.

*Achylles Porto Alegre.*

---

(\*) *Flores dispersas* é o titulo do volume de poesias.

## UM MUNDO DE AMOR,

E' tão meiga a expressão d'esses teus olhos,  
Respira a tua voz tanta doçura :  
Que ouvindo-te, enlevado, quasi esqueço,  
Que em ti palpita a humana creatura.

Depois, quando se extingue o brando accento,  
E os cilios velão teu olhar profundo :  
Minha alma se recolhe pensativa,  
Comtigo, oh meu amor, creando um mundo:

N'elle, sosinhos, habitamos ambos,  
Sem que p'ra nós jámais termine o dia;  
Nem póde a noite desdobrar seu-manto,  
Onde a luz da paixão tudo irradia !

Nossa existencia corre lá tranquilla,  
Como a flor que tombou sobre a corrente;  
Quem sabe a flor para aonde a leva o rio,  
Nem, livre no seu curso, o rio a sente.

Quando se é moço e nos opprime o peito  
O doce peso de um amor immenso :  
Quem pergunta ao amor se é infinito,  
E não se abrasa no seu fogo intenso?...

Ai, fascinados como o doudo insecto,  
Que em torno á chamma volitando morre:  
Quantas vezes, amando, nem sentimos,  
Que a nossa vida p'ra os abysmos corre!?

Mas contigo, alva estrella, eu não receio,  
Que a desdita cruel me turve os dias;  
Antes se me affigura que tu sabes  
O segredo de eternas alegrias.

Solta pois do teu labio o verbo augusto,  
E o nosso mundo surgirá do nada !  
Depois, se a morte o arremessar ás trevas:  
Juntos iremos á mansão sagrada !

Rio de Janeiro 1867, Dezembro.

Manoel José Gonçalves Junior.

## EMENTARIO MENSAL.

Tenho acanhado espaço para encher no presente numero da revista.

A minha carteira de notas não tem uma folha em branco, e no entanto não me posso utilizar do trabalho paciente e aturado de um mez.

Ler com attenção reflectida os jornaes da côrte e da Europa; não deixar despercebidas nem mesmo as correspondencias de Portugal, Londres, Suissa, Hespanha, Austria e etc., publicadas n'essas folhas; reunir dados importantes, e não poder entretanto escrever sobre os mesmos á minha vontade !...

O culpado tambem fui eu.

Poderia escrever muito; encher as 32 paginas; limito-me, porém, a tres apenas, pois tenho certeza de que os meus escriptos serão inferiores aos que encontram os leitores nas 29 precedentes.

Assim quero dar publicidade aos artigos e poesias dos meus collegas, de preferencia ao que é meu.

Ha de forçosamente agradar o romance do Sr. Sá Brito e o artigo litterario do Sr. Nicolau Vicente. Para qualquer producção minha formigarião mil criticos, e a coitadinha, filha de uma intelligenciã sem cultivo, não resistiria por certo á analyse.

E por fallar em criticos... A *Revista* teve bom acolhimento por parte da imprensa da provincia.

Todos disserão bem da associação que tanto se esforça pelo engrandecimento das letras da nossa terra; mas é força confessal-o, d'entre todos destacou-se o illustrado publicista que redige o *Correio do Sul*, o Sr. Felippe Neri.

Encheu-me de enthusiasmo e deu-me alento o seu artigo sobre o *Parthenon* e a *Revista*.

Deu-me alento, sim, porque, isento de pequeninas paixões, de resentimentos mal fundados, S. S., ao passo que censura o estylo de um ou outro artigo do 1º numero, não esquece notar as bellezas de outros, dirigindo palavras de animação aos moços que trabalham, que estudão, e que tudo envidão para depurar a intelligencia por meio das luctas litterarias.

Dóe, dóe muito, a gente vê entrar-lhe n'alma o desalento, quando apparece-lhe pela frente um critico, que sem piedade condemna a nossa obra, sem separar o malmequer das flores perfumosas, sem distinguir o vulgar do que póde haver de bello e sublime.

Quanta intelligencia brilhante de seiva não se tem embotado por effeito da critica mordaz, que vai ferir muitas vezes o individuo, sem de leve tocar a obra ?

Quanta flor mimosa não tem ahí pendido sem vida, á falta de animação ?

Quanto moço estudioso e de esperanças não se tem recolhido ao gabinete, sem querer expôr em publico os fructos do seu talento, receiando ou a critica estúpida e apaixonada, ou a indifferença publica?

Bem haja portanto o Sr. Neri; S. S. demonstrou-nos que leu attentamente a revista; apontou alguns senões, que os proprios autores reconhecerão, agradecendo o aviso de tão abalisado mestre; mas, fazendo justiça aos esforços dos jovens socios do *Parthenon*, penhorou-nos com a confissão de que o deleitára a rapida leitura da revista, como nos honra com o facto unico de sua apreciação.

— Deixando de parte o movimento litterario que se tem operado ultimamente no Brasil e na Europa, tarefa de que incumbir-se-ha o meu collega o Sr. José Bernardino dos Santos, que entra de mez, tratarei hoje exclusivamente do d'esta cidade.

*Filhos da desgraça e Sensitiva* são os titulos de dois novos dramas do Sr. Apollinario Porto Alegre.

O primeiro é essencialmente popular, pelo que, posto em scena, obteria os applausos da nossa platêa; a *Sensitiva*, porém, é um drama, que, como a *Dalila*, é melhor apreciado lendo-se.

O titulo mesmo faz conhecer a linguagem apurada e fina em que está escripto o drama.

*Sensitiva* ! planta mimosa tão cara a todo aquelle que tem coração, que ama, que está acima dos calculos materialistas da epocha.

*Sensitiva* ! fructo de uma imaginação de fogo, de uma intelligencia tão vasta quanto esclarecida, que já nos tem dado outros tão sazonados fructos, como *Os Palmares*, *A Flor de Laranja*, *Gracina*, (romances), *Cham e Japhet*, e *Jovita* (dramas), este ultimo de collaboração com o Sr. Menezes Paredes.

Não descance o meu nobre amigo, e lhe auguro os louros do futuro.

— *A Doida* é o titulo de um romance do Sr. José Bernardino dos Santos, que deve ser em breve publicado.

O seu intelligente autor publicára-o já em folhetim no jornal que então redigia, a *Actualidade*, tendo feito uma pequena edicção que distribuiu por alguns de seus amigos.

Quando começar a hora da justiça para a pleiade que óra tenta levantar do abatimento a litteratura brasileira, José Bernardino dos Santos deverá ser dos melhores aquinhoados nas benções de seus compatriotas.

É um dos mais estudiosos moços, e tem já o nome notavel nas luctas da imprensa periodica, onde ha muitos annos se acha envolvido.

O seu romance é escripto com gosto e merece ser lido pelos amantes da litteratura.

— O Sr. Vasco de Araujo e Silva, que não ha muito tempo publicou uma geographia para uso das aulas da provincia, compillou uma geometria applicada, que é destinada ao mesmo fim, e que já foi adoptada pelo Conselho Director de Instrucção Publica.

É um trabalho de muito merecimento, que revela claramente que o seu autor tem conhecimento profundo d'essa sciencia.

O Sr. Vasco presta um real serviço á mocidade da provincia, cooperando em muito para que o ensino dado nas aulas publicas seja por compendios aqui elaborados, sem necessidade de recorrer aos já antigos e incorrectos que por ali servem.

— O Sr. Frederico Ernesto Estrella de Villeroy acaba de compor um compendio de grammatica da lingua nacional.

Tivemos occasião de ler e examinar esse trabalho, e sem medo de contestação podemos affirmar que é o melhor no seu genero; parecendo-nos, como a algumas outras pessoas que o virão, que a exposição era muito philosophica para o fim a que o destinava seu autor, isto é, para o ensino primario.

O Sr. Villeroy então, a quem não dirige fôfa vaidade, mas o ardente desejo de melhorar a'esse ponto a instrucção da nossa mocidade, a que tem dedicado a melhor e maior parte de sua vida, sendo esse especialmente o ramo de ensino a que mais se tem dado, resolveu sujeitar o seu compendio á illustrada apreciação de um dos mais habéis e distinctos professores da capital, e, depois de ouvida tão respeitavel opinião, retocar o seu trabalho, fazendo as alterações que fossem julgadas convenientes.

Com effeito assim procedeu, e hoje o seu livro é a todos os respeitos um bello mimo feito á mocidade.

Quando mesmo não houvesse necessidade de um compendio de grammatica, á vista da deficiencia do até agora seguido, a excellencia incontestavel do compendio do Sr. Villeroy, superior a quantos conheço, era razão sufficiente para ser elle adoptado nas nossas aulas, como em breve esperamos ver, pois por estes dias

deve ser apresentado ao Conselho Director, que terá occasião de prestar um duplo serviço ás letras patrias, já adoptando o livro, já por esse facto animando seu intelligente autor a proseguir em outros trabalhos em que sabemos se está occu-  
pando.

— O Sr. Diogo Francisco Cardoso vai publicar uma nova arithmetica. Não conheço nem autor nem trabalho. Tenho ouvido dizer que é uma obra ligeira para uso dos meninos, e que não houve por parte do autor todo o cuidado na clareza das regras. Prefiro, porém, não dizer mais a commetter uma injustiça.

— *Risos e Lagrimas*—assim se chama um drama novo do Sr. Hilario Ribeiro de Andrade e Silva.

Tenho-o em meu poder, e apenas d'elle li algumas paginas; por ellas, porém, julgo que o dramaturgo não fica áquem do poeta, tão merecidamente festejado do publico da capital.

— Duas palavras sobre theatro, e terei concluido a minha tarefa.

A companhia dramatica do Sr. Cabral foi bem acolhida pelo publico, e em verdade tem ella conseguido attrahir á si as sympathias de quantos frequentão o theatro.

Antonina Marquelou é uma grande actriz—intelligente, estudiosa e com todos os requisitos necessarios á uma 1.<sup>a</sup> dama.

Maria, Noemia Keller, Joanna Champloux, Leonor—é sempre digna de applausos, merecedora das ovações que lhe tem dado a platéa.

Barbosa não precisa que eu lhe diga quanto vale; tem-lh'o dito o publico fluminense, os mestres d'arte, a nossa platéa, e acima de tudo a sua consciencia. Fez-nos rir em frei Felippe; fez-nos derramar lagrimas na *Filha do Lavrador*; está n'isto só o elogio do artista.

*Os voluntarios do cerco do Porto*, imitação de um autor francez, é uma comedia de facil enredo, mas de muito espirito, que agradou e que ha de ser applaudida sempre que fôr representada. Aperto as mãos ao autor, como applaudi phreneticamente o artista.

O Sr. Cabral Junior, que é moço, que estuda com affinco a arte que abraçou, que possui esse dom sagrado do céo—o talento—ha de ser no futuro um grande actor.

No seu genero, tenho fé que não ha de encontrar rival no palco brasileiro.

Sinto não poder fallar como desejára de cada um dos outros artistas; mas é-me grato confessar que todos trabalhão bem e são dignos dos applausos que lhes tem sido tributados.

Ha na companhia uma jovem actriz que me merece muito e por quem nutro as maiores esperanças de que será mais tarde grande vulto no theatro sentimental, o que mais preso, porque mais me toca ao coração: a Sra. D. Maria Augusta.

Foi para mim uma surpresa agradável: quem diria que aquella florista da *Estatua de Carne* teria força de representar o papel de Helena na *Filha do Lavrador*?

Apreeiei então o seu trabalho perfeito n'esse drama; vi-a depois no papel de Amelia na *Dalila*, e desde essa occasião nasceu-me a convicção de que, com a pratica de scena e algum tempo de estudo, a Sra. D. Maria Augusta terá jús á classificação de 1.<sup>a</sup> dama em seu genero.

Não ha o menor vislumbre de lisonja no que levo dito sobre os artistas; tenho a honra de entreter com alguns d'elles relações de amizade; mas distingo perfeitamente o homem social do artista, e ao passo que venero aquelle, bato palmas aos triumphos d'este.

Treze tiras vão escriptas; está preenchido o espaço que me reservei; é preciso concluir.

No seguinte numero da revista darei á estampa as impressões que me causarão a representação e leitura do magnifico drama — *A Estatua de Carne*, — e então terei occasião de dizer do merito de cada um artista que n'elle toma parte.

Até lá.

Aurelio V. de Bittencourt.